



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

**FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA**

**UNIVERSIDADE DE COIMBRA**

**CATARINA OLIVEIRA REIS**

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO**

**COIMBRA**

**2013**

**CATARINA OLIVEIRA REIS**

**2011141916**

**RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA  
ESCOLA BÁSICA INTEGRADA/ JI PROF. DR. FERRER CORREIA  
JUNTO DA TURMA DO 9º NO ANO LETIVO 2012 / 2013**

**EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA: COSMOVISÃO DO ALUNO PORTADOR DE  
NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS**

Relatório de estágio apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física no Ensino Básico e Secundário.

**PROFESSORA ORIENTADORA:**  
Maria João Campos

**COIMBRA  
JUNHO 2013**

**Esta obra deve ser citada como:**

Reis, C. (2013). *Relatório Final de Estágio Pedagógico - "Educação Física Inclusiva: Cosmovisão do aluno portador de Necessidades Educativas Especiais"*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

## **Agradecimentos**

**Terminando esta fase tão especial do meu percurso académico, fruto de um longo caminho de dedicação e empenho quero deixar umas palavras de agradecimento em especial a algumas pessoas sem o qual não teria sido possível a concretização deste sonho.**

**Em primeiro lugar as minhas palavras de agradecimento vão para a minha família, em especial para os meus pais que sempre acreditaram em mim e me apoiaram em todas as decisões, mesmo sabendo que algumas não seriam as mais acertadas.**

**Em segundo lugar à minha Irmã e minha Madrinha, por tudo aquilo que são e significam para mim.**

**Ao professor Edgar Ventura, por todos os seus ensinamentos e paciência incondicionais durante este ano.**

**À professora Maria João, por todo o acompanhamento, disponibilidade e orientação durante este ano de trabalho.**

**Às minhas amigas e colegas de estágio, especialmente à Ana e à Cátia por tudo o que vivemos este ano. Obrigada por partilharem comigo esta experiência jamais esquecida e acima de tudo, obrigada pela amizade que fica.**

**A toda a comunidade escolar, que me recebeu e acarinhou durante este ano, especialmente aos alunos por me fazerem acreditar que ser professora de EF foi o que sempre quis ser.**

**A todos os que diretamente e indiretamente contribuíram durante o meu percurso académico e profissional.**

**A ti... que sempre estiveste e estarás sempre. Por tudo aquilo que és.**

**Muito Obrigada!**

“Ser feliz é deixar de ser vítima dos problemas e se tornar um autor da própria história. É atravessar desertos fora de si, mas ser capaz de encontrar um oásis no recôndito da sua alma. É agradecer a Deus a cada manhã pelo milagre da vida.

Ser feliz é não ter medo dos próprios sentimentos. É saber falar de si mesmo. É ter coragem para ouvir um "não". É ter segurança para receber uma crítica, mesmo que injusta.

Pedras no caminho? Guardo todas.  
Um dia vou construir um castelo..."

(Fernando Pessoa)

## Resumo

O presente documento, surge com o culminar, de um ano de estágio pedagógico na Escola Básica Integrada/ JI Prof. Dr. Ferrer Correia, durante o ano letivo de 2012/ 2013. Tem como objetivo a obtenção do grau mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

É um documento que descreve de forma aprofundada as vivências e os conhecimentos adquiridos ao longo de um ano como professora estagiária de Educação Física (EF). É um documento de caráter reflexivo pois, é meu propósito realizar uma reflexão ao trabalho desenvolvido e às competências e conhecimentos adquiridas.

A experiência adquirida na comunidade escolar e na lecionação das aulas de EF à turma 9<sup>o</sup>, será objeto de reflexão neste relatório, debruçando-me nos três parâmetros do ensino aprendizagem: planeamento, realização e avaliação.

Será ainda contemplado um estudo de caso desenvolvido ao longo do ano com o tema: Educação Física Inclusiva – Cosmóvisão do aluno com NEE.

Neste estudo pretendo conhecer a perspetivas dos alunos com NEE incluídos nas aulas regulares de EF da escola.

**Palavras - Chave:** Ensino-Aprendizagem. Estágio Pedagógico. Educação Física. Planeamento. Realização. Avaliação. Educação Física Inclusiva.

## **Abstract**

This document comes with the culmination of a year of teaching practice in Integrated Primary School / Prof. Dr. Ferrer Correia, during the academic year 2012/2013. Aims at obtaining the Master's degree in Teaching Physical Education in Primary and Secondary Education, Faculty of Sport Sciences and Physical Education, University of Coimbra.

It's a document that describes in detail the experiences and knowledge gained over a year as a trainee teacher of physical education (PE). It is a document reflective character because it's my purpose to make a reflection to the work and the skills and knowledge acquired. The experience gained in the school community and teaching of PE classes for class 9<sup>th</sup>, will be the object of reflection in this report, addressing me in three parameters of teaching and learning: planning, implementation and evaluation.

Will be even contemplated a case study developed throughout the year with the theme: Inclusive Physical Education - Perspective of students with disabilities. In this study I intend to know the perspectives of students with special needs included in regular classes EF school.

**Key - Words:** Teaching and Learning. Teaching Practice. Physical Education. Planning; Achievement. Evaluation. Inclusive Physical Education.

## Sumário

Agradecimentos .....	iii
Resumo .....	v
Abstract .....	vi
Lista de Abreviaturas .....	viii
Introdução .....	10
Capítulo I – Contextualização da prática .....	11
1. Definição das expetativas iniciais – Plano de Formação Individual .....	11
2. Contextualização da prática pedagógica .....	12
2.1. Realidade Escolar .....	12
Capítulo II – Descrição do processo de ensino aprendizagem .....	18
1. Descrição das atividades desenvolvidas .....	18
➤ Planeamento .....	18
➤ Realização .....	21
➤ Avaliação .....	26
2. Atitude ético – profissional .....	29
Capítulo III – Análise reflexiva da prática pedagógica .....	30
Capítulo IV - Aprofundamento do tema/ problema .....	33
Tema .....	33
Enquadramento do estudo .....	33
Pertinência do estudo .....	33
Revisão da literatura .....	34
Metodologia .....	40
Análise das entrevistas .....	41
Apresentação e discussão dos resultados .....	42
Considerações Finais .....	47
Conclusão e Perspetivas para o futuro .....	49
Referencias Bibliográficas .....	50



## **Lista de Abreviaturas**

PFI - PLANO FORMAÇÃO INDIVIDUAL

EF- EDUCAÇÃO FÍSICA

EP- ESTÁGIO PEDAGÓGICO

PAT- PLANO ANUAL DE TURMA

UD- UNIDADE DIDÁTICA

PA- PLANO AULA

FB- FEEDBACK

AD- AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

AF- AVALIAÇÃO FORMATIVA

AS- AVALIAÇÃO SUMATIVA

NEE – NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS

Declaração Sob Compromisso de Honra:

Eu, Catarina Oliveira Reis, aluna nº 2011141917 do MEEFEBS da FCDEF – UC, venho declarar por minha honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da minha autoria, não se inscrevendo, por isso, no disposto no art. 30.º do Regulamento Pedagógico da FCDEF.

## **Introdução**

O presente relatório final de estágio é um documento que visa o culminar do trabalho desenvolvido ao longo deste ano na Unidade Curricular (UC) Estágio Pedagógico (EP), enquadrada no 2º ano do Mestrado de Ensino da Educação Físicas nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

O estágio pedagógico surge neste 2º e último ano de formação como uma necessidade de transitar do ideal para o real. No fundo, o que acontece é que, passamos de alunos para professores. Cabendo-nos a responsabilidade de orientar e ensinar alunos e de, desenvolver todos os documentos inerentes ao processo de ensino – aprendizagem. Este processo só seria possível com o acompanhamento e orientação de outros professores, que tiveram um papel muito importante no decorrer deste ano, sendo eles o professor supervisor da faculdade e o professor orientador da escola, que me ajudaram a evoluir não só como sua aluna mas também como profissional docente de Educação Física.

Terminada esta etapa, é cheda a altura de apresentar um balanço final do decorrer desta etapa académica. Através de uma reflexão aprofundada e fundamentada explanarei as aprendizagens adquiridas ao longo do meu ano de estágio pedagógico.

Desta forma, o presente relatório encontra-se dividido em quatro grandes capítulos: no Capítulo I, é feita a descrição das expetativas iniciais com o estágio, assim como, a contextualização da prática; no Capítulo II, serão descritos todos os processos e ações do estágio pedagógico; no Capítulo III será realizada uma reflexão exaustiva acerca da prática pedagógica, finalmente no último capítulo será apresentado e aprofundado um tema que se enquadra nos domínios da intervenção da Educação Física escolar e no qual, entendo ser pertinente a sua abordagem: “Educação Física Inclusiva: Cosmvisão do aluno portador de Necessidades Educativas Especiais”.

## Capítulo I – Contextualização da prática

### 1. Definição das expetativas iniciais – Plano de Formação Individual

Como já referi anteriormente, o ano de estágio é um ano onde passamos de alunos a professores. Como tal, o medo e o receio do desconhecido estava presente. Receio de encarar pela primeira vez uma turma, receio de que os meus conhecimentos não fossem suficientes para os conseguir transmitir aos alunos, no fundo, tinha receio de não corresponder às expetativas do que é esperado por um professor estagiário.

As minhas expetativas iniciais foram de uma forma muito sucinta e objetiva apresentadas num documento realizado no início do estágio, denominado Plano de Formação Individual (PFI), ao qual passo a transcrever *“A nível individual pretendo desenvolver as capacidades necessárias ao trabalho de um docente de Educação Física, desde a organização das aulas, planificação, implementação, observação e avaliação, recorrendo sempre a um processo de ensino-aprendizagem pertinente e adequado ao momento e nível dos alunos ... tentarei desenvolver as minhas aulas num ambiente saudável, inovador e flexível, de forma a garantir o bem-estar dos alunos e o desenvolvimento de todas as suas componentes da identidade individual e cultural, fomentando a cooperação e o envolvimento ativo dos mesmos”*

*“A nível de trabalho de grupo de estágio pretendo desenvolver um bom trabalho em equipa. A ajudar e a aprender com as minhas colegas, encarando o trabalho em equipa como uma mais-valia para todo o processo de estágio e assumindo-o como uma responsabilidade própria e em equipa. Pretendo também aprender como todos os professores da escola e principalmente com o professor Edgar Ventura, sem esquecer os pais e Encarregados de Educação e próprios alunos.”*

No fundo, as minhas expetativas eram direcionadas para o enriquecimento da minha formação profissional e pessoal, perseguindo como não podia deixar de ser, um bom trabalho a nível profissional, assim como, a nível pessoal. Paralelamente a estas expetativas esperava contribuir com o meu trabalho para a

escola Ferrer Correia e conseguir deixar “a minha marca” em toda a comunidade escolar, como forma de agradecimento da oportunidade que nos ofereceu, acolhendo-nos como professoras estagiárias de Educação Física.

Posto isto, torna-se mais fácil descrever a minha atividade enquanto professora estagiária. Pois com as expectativas iniciais delineadas será agora importante relatar o caminho que segui para as atingir.

## **2. Contextualização da prática pedagógica**

Considero de extrema importância definir e caracterizar o contexto onde foi desenvolvido toda a minha prática pedagógica ao longo deste ano, pois, as características do local de trabalho, definição dos recursos existentes, as formas de trabalho da escola e do grupo disciplinar, assim como as características específicas de todos os intervenientes no processo são fundamentais para uma melhor perceção e justificação das ações tomadas durante o desenrolar da minha atividade.

Como tal, a contextualização da prática é feita em relação à escola, ao Grupo Disciplinar de Educação Física (GDEF), aos recursos materiais, ao núcleo de estágio, aos orientadores da escola e por último à turma do 9º.

### **2.1. Realidade Escolar**

#### **➤ A Escola Básica Integrada/ JI Prof. Dr. Ferrer Correia**

O atual complexo escolar foi inaugurado em 24 de Abril de 2004 apresentando uma qualidade estrutural e de equipamentos digna de registo.

No passado ano letivo 2011/ 2012 a Escola Professor Dr. Ferrer Correia passou a fazer parte do Agrupamento de Escolas de Miranda do Corvo deixando então de existir o Agrupamento de Escolas Ferrer Correia que era constituído pela Escola Sede, pelo Pré-Escolar de Semide e do Vidual e pelas EB1 de Semide, de Casal da Senhora e de Rio de Vide.

A aldeia do Senhor da Serra está inserida num meio rural que tem sofrido algumas alterações ao longo dos anos. A principal ocupação da população já não é maioritariamente a arboricultura, como outrora com os famosos “viveiristas”. A realidade social é hoje ambivalente. A indústria é quase inexistente. A

proximidade de Coimbra e de Miranda do Corvo determina a “escolha” por parte da população do sector do comércio e serviços. A aldeia do Senhor da Serra é um meio culturalmente pouco favorecido. Localmente existe uma Associação que desenvolve algumas atividades ligadas à romaria anual em honra do Divino Senhor da Serra, que ainda hoje atrai grande número de devotos, no dia 15 de Agosto, indo muito pouco para além deste evento anual.

A população escolar que hoje frequenta a escola provém de aldeias e freguesias circundantes, designadamente de Vale do Açor, Vendas da Serra, Coenços, Granja, Semide, Rio de Vide, Pedreira, Vidual, Gaiate, Vale de Marelo, Casal das Cortes, Cortes, Casal da Senhora, Fundo da Ribeira, Lata, Cimo de Vila, Vale de Colmeias, Canas, Braços, Pomar dos Braços, Segade, Canas, Chãs, Vale de Colmeias, Braços e Pomar de Braços. Existindo na sede de freguesia o Lar de Jovens de Santa Maria de Semide, instituição acolhedora de alunos oriundos de famílias problema, ali colocados fundamentalmente por decisão dos tribunais, os mesmos confluem para a escola Ferrer Correia enquadrando uma realidade específica.

Em termos de instalações desportivas para o desenvolvimento das atividades letivas de Educação Física, a escola dispõe de um espaço similar a uma sala de aula (cadeiras, projetor, quadro) para possíveis aulas teóricas e/ou demonstração de práticas desportivas (técnicas de execução); um campo exterior, que possibilita a abordagem de várias práticas como basquetebol, futebol, corfebol, andebol, ténis, etc. Possui também uma caixa de saltos (atletismo), um corredor com 5 pistas de velocidade/estafetas (atletismo); e também de um pavilhão gimnodesportivo e respetiva sala de ginástica.

#### ➤ **Grupo de Educação Física**

Na Escola Professor Dr. Ferrer Correia o Grupo de Educação Física é constituído por apenas dois professores, sendo estes o professor Edgar Ventura (orientador de estágio), o Professor Rui Costa e quatro professoras estagiárias.

O reduzido número de professores facilitou então uma boa relação entre todos, permitindo-nos participar e colaborar ativamente nas atividades organizadas pelo Grupo de Educação Física. Quanto aos espaços de aula,

apesar de haver um roulement, sempre que foi necessário proceder a alguma troca o professor Rui Costa mostrou-se sempre disponível e acessível.

Foi-nos sempre disponibilizado apoio e ajuda nas tarefas a realizar e também a nível pessoal e profissional de modo a otimizar as nossas ações enquanto estagiários.

### ➤ **Recursos Materiais**

A escola, mais concretamente o grupo de Educação Física, é detentor de uma grande variedade de materiais para as diferentes modalidades, Atletismo, Ginástica, Badmínton, Andebol, Ténis, Voleibol, Futebol, Basquetebol, Patinagem e Rugby, tem ainda à sua disposição material de apoio à prática, como coletes, cones sinalizadores, cronómetros, fitas de sinalização, diferentes tipos de redes, postes, etc. Relativamente a estes recursos não tivemos qualquer tipo de problemas relativos à disponibilidade pois, como existiam apenas 2 turmas a ter aulas em simultâneo foi bastante fácil a coordenação com o professor Rui Costa.

### ➤ **Núcleo de estágio**

O grupo de estágio foi sem dúvida um dos pilares durante este ano de trabalho. Constituído por mim, pela Ana Moreira, a Cátia e a Elda Fernandes.

Posso dizer que, quando iniciei o estágio apenas conhecia a Ana Moreira e foi esta quem me “convenceu” a escolher a escola Ferrer Correia, por ter boas referências relativas aos alunos, ao professor orientador e à própria comunidade escolar. Felizmente, não a enganaram e agora também partilhamos da mesma opinião.

Durante o ano letivo o núcleo de relações foi-se “enraizando” mais entre mim, a Ana e a Cátia pois a nossa colega Elda apesar de insistirmos com ela e de a motivarmos para a nossa companhia, se mantinha mais distante e mais reservada.

Não posso afirmar que funcionamos portanto, como um grupo pois não estaria a ser verdadeira. Na verdade, apesar de estas se tornarem os meus pilares a nossa relação com o estágio nem sempre foi a melhor, devido também à falta de tempo que todas despendíamos para trabalhos em grupo. Portanto, optamos para

cada uma realizar os seus trabalhos não atrasando assim, os trabalhos das outras. E assim funcionamos bem, apoiando-nos sempre, quer seja dentro da escola como fora da escola.

### ➤ **Os Professores Orientadores**

Um estágio pedagógico não poderia existir sem o acompanhamento e supervisão de outros professores mais experientes. Acompanhamento e orientação realizados pelo professor orientador da escola, Professor Edgar Ventura, que sempre nos acompanhou durante o ano letivo, e pela professora supervisora da Faculdade, Professora Maria João Campos, que como o próprio nome indica supervisiona o trabalho dos estagiários e teve um papel de ligação entre a universidade, escola, orientador e estagiárias.

Além de serem “responsáveis” pela nossa avaliação, foram quem coordenaram o nosso trabalho, observaram e criticaram, elogiaram, motivaram, enfim, tudo para que conseguíssemos ser todos os dias, aula após aula, cada vez melhores e mais “experientes”.

O Professor Orientador Edgar Ventura foi incansável em todos os momentos do estágio. Revelou-se um professor exigente, coerente, responsável, ativo, imparcial e acima de tudo muito competente. Sempre acreditou que fôssemos capazes de fazer mais e melhor, motivou-nos, deu-nos liberdade para errar e aprender, foi um verdadeiro professor e amigo. Sendo uma peça fundamental no nosso processo ensino/aprendizagem e dos nossos alunos. Foi e é uma referência para a minha vida.

A Professora Supervisora Maria João teve um contacto permanente com o núcleo de estágio, sendo que, ou através da observação direta das aulas ou por mail manteve-se sempre disponível. As reflexões conjuntas que fomos realizando no final das aulas que pode supervisionar, revelaram-se bastante importantes para a evolução da minha formação como professora.



### ➤ **A turma do 9ºI e a relação professora/ alunos**

Ao iniciar o estágio o professor orientador deu a conhecer ao núcleo as turmas que iriam trabalhar durante o ano letivo, duas do 8º ano e duas do 9º ano, todas estas turmas já conhecidas pelo professor.

A turma que trabalhei foi a turma do 9ºI, composta por 14 alunos sendo 9 do sexo masculino e 5 do sexo feminino. O número reduzido de alunos da turma deve-se ao fato de existir um aluno com NEE presente na turma, este aluno apresenta um atraso mental e alterações graves no comportamento.

Para conhecer as características da turma, e a partir daí planejar de forma adequada todo o processo de ensino, foi realizado um estudo através de questionários aplicados no primeiro dia de aulas à turma. Através deste estudo foi possível obter uma informação mais detalhada dos hábitos de saúde e higiene dos alunos, do seu historial familiar, da sua prática desportiva, tempos livres, historial da disciplina de EF, etc.

Dos dados recolhidos desde estudo aferi os seguintes pontos mais relevantes:

- A turma apresenta um maior número de rapazes (n=9) do que raparigas (n=5), sendo que mais de metade da turma tem 14 anos de idade;
- O aluno mais velho tem 17 anos de idade;
- Existem apenas um E.E. com curso superior, sendo que a grande maioria dos E.E. possuem o ensino básico e secundário;
- Denota-se uma grande incidência de alunos com reprovações na turma, sendo que, as notas a Educação Física do ano anterior foram nível 3 e nível 4;
- O Badminton e o Basquetebol são as modalidades de maior preferência, seguidos do Futsal, o Andebol e o Voleibol. Também o Atletismo e a Dança revelaram ser modalidades de preferenciados alunos;
- Os alunos da turma não possuem doenças que os impossibilitem de praticar a aula de EF;

- Ao nível dos hábitos de alimentação e descanso a grande parte dos alunos faz 4 a 5 refeições por dia e dorme 8 horas por dia;
- A grande maioria pratica desporto fora da escola, sendo que o futebol e a natação lideram a tabela, quanto à frequência que o fazem é uma vez por semana;
- Quanto aos hábitos de higiene todos os alunos tomam banho depois da aula de educação física.

Enquanto professora estagiária desta turma, senti que, aprendi muito com todos os alunos da turma. Esta não foi uma turma fácil de se “levar” pois alguns alunos sendo os líderes “arrastavam” os outros para comportamentos desviantes. No entanto, com o passar do tempo fui percebendo e conhecendo cada vez melhor os alunos e, os seus comportamentos e atitudes. Penso que, se respeitarmos a individualidade e as ideias de cada aluno, se tentarmos acima de tudo compreendê-los, eles vão e respeitar o nosso trabalho. A constante comunicação e aproximação com a turma, dentro e fora do contexto das aulas, proporcionou o aprimorar da nossa relação. Terminei o estágio com o sentimento de que dei a estes alunos mais do que ensinamentos acerca da EF, e isso enche-me o coração de satisfação.

## Capítulo II – Descrição do processo de ensino aprendizagem

### 1. Descrição das atividades desenvolvidas

#### ➤ Planejamento

*“Os trabalhos de planejamento do professor de Educação Física relacionam a direção essencial das exigências e conteúdos programáticos com a situação pedagógica concreta; são expressão da personalidade do professor, do conhecimento e competência do seu estilo individual de ensinar.” (Bento, 2003)*

O planejamento é para qualquer professor, uma ferramenta fundamental para a orientação do seu processo de lecionação, pois tem como finalidade a aplicação dos normativos nacionais adaptando-o ao seu contexto de ensino. Sem um planejamento coerente e com qualidade, o processo de ensino – aprendizagem poderá ver-se comprometido.

O planejamento não é por si só um guia impassível de ser alterado ao longo do ano, pelo contrário, o seu caráter flexível deve-se a isso mesmo pois, o professor deverá ser capaz de ir adaptando-o às alterações do seu contexto da turma.

Torna-se então, uma parte essencial e integrante no trabalho de um professor. Será esse trabalho que desenvolvi ao longo do ano letivo, que irei refletir agora.

#### **Plano Anual de Turma**

*“A elaboração de um Plano Anual constitui o primeiro passo do planejamento e preparação do ensino e traduz, sobretudo, uma compreensão e domínio aprofundado dos objetivos e de desenvolvimento da personalidade, bem como reflexões e noções acerca da organização correspondente do ensino no decurso de um ano letivo” (Bento, 2003)*

O plano anual de turma foi dos primeiros documentos a serem preparados no início do estágio. Não na sua totalidade pois só ficou concluído e totalmente estruturado no final do estágio, mas sim as partes que o compõe e que foram

vitais para iniciar o início do ano letivo. Existiram uma sucessão de trabalhos preparatórios que tiveram de ser realizados para iniciarmos a construção do PAT.

Assim, em primeiro lugar consultei o calendário letivo para poder fazer a distribuição e contagem do nº de aulas durante o ano letivo e o roulement dos espaços (interior ou exterior), de seguida, o núcleo realizou o levantamento do material para as várias modalidades e determinei juntamente com o meu orientador da escola, as matérias do PNEF que iriam ser abordados pelo 9º durante o ano letivo. Na seleção das matérias tive em consideração além das orientações dadas pelos normativos nacionais para o 3º ciclo, também as informações que o orientador da escola me prestou, no que concerne, às matérias nucleares que foram abordadas nos anos anteriores pela turma, de modo a que o 9º ano seja um ano de revisão e consolidação de conhecimentos, como é referido no PNEF.

Paralelamente as estas tarefas, foi elaborado pelo núcleo, a caracterização do meio e da escola Ferrer Correia.

Após estes trabalhos preparatórios, as tarefas que se seguiram foram de distribuir as matérias pelos três períodos e a sua duração, definir objetivos anuais e, por último, definir os momentos e procedimentos de avaliação. Ficaram definidos no PAT 6 matérias nucleares para a turma sendo estas: basquetebol, badmínton, voleibol, atletismo, ginástica (aparelhos e acrobática) e andebol. Para cada matéria lecionada ficaram definidos os diferentes momentos da avaliação (diagnóstica, formativa e sumativa) e diferentes funções da aula (introdução, exercitação e consolidação). Assim sendo, os objetivos e devida sequencialização dos conteúdos, com os momentos formais de avaliação, quer da prática e teórica, foram planeados e refletidos.

### **Unidades Didáticas/ Blocos de Matéria**

O autor Bento (2003) explica a importância do planeamento de uma UD com o pressuposto de um ensino relativamente integral e tematicamente delimitado, para várias aulas que contêm um contributo para a realização dos objetivos e tarefas incluídas no programa da disciplina.

*“Um planeamento do ensino a longo prazo, centrado na conceção didática da unidade temática, cria os melhores pressupostos para a realização do ensino,*

*para a formação racional e consciente de conhecimentos e competências fundamentais, para um trabalho contínuo e sistemático no processo da educação e para a utilização mais eficaz do tempo disponível.” (Bento, 2003)*

As unidades didáticas são a substância do projeto curricular descrito no Plano Anual. Estas configuram de uma forma mais aprofundada e objetiva as opções e direções descritas no PAT para o processo de ensino – aprendizagem de uma determinada matéria. Especificando-me às UD por mim elaboradas, estas contêm descrito a caracterização da modalidade, as competências, os objetivos a atingir nos vários domínios, os conteúdos a lecionar, as atividades e estratégias, as progressões pedagógicas, os recursos disponíveis, o número de aulas e respetiva sequência de conteúdos, os momentos e instrumentos de avaliação, o perfil do aluno para os vários níveis e por último, o relatório da avaliação diagnóstica (AD) e um balanço final da UD.

A elaboração destes documentos foi iniciada antes de lecionar a matéria e ajustada após a AD, com o intuito de adaptar quer os objetivos quer as estratégias específicas para a aula conforme a prestação inicial dos alunos, a sua conclusão apenas foi realizada após o final de cada avaliação sumativa com o balanço final de UD.

### **Plano de Aula**

*“Tendo em atenção a matéria, os pressupostos dos alunos e as condições de ensino, bem como os dados fornecidos pela análise das etapas anteriores, na preparação da aula tem lugar uma precisão dos seus objetivos (já estabelecidos no plano da unidade); é planificado o seu percurso metodológico e temporal.” (Bento, 2003)*

Nesta perspetiva o Plano Aula (PA) dinamiza as direções do ensino. É uma ferramenta muito importante e útil para um professor pois, através deste, é possível uma previsão dos conteúdos que serão abordados numa determinada aula, uma previsão das tarefas que serão aí desenvolvidas, dos objetivos que se pretendem alcançar e ainda, uma estimativa da duração para cada tarefa.

Desta forma, uma aula não planeada pode estar automaticamente condenada ao fracasso, influenciando negativamente as aprendizagens dos

alunos. Nesse sentido, para cada aula elaborei previamente, um plano com referência aos vários elementos do currículo incluindo todos os objetivos da aula, descrição de tarefas propostas com os respectivos objetivos e critérios de êxito, duração de cada parte da sessão e de cada tarefa, organização, material necessário à aula e ainda, sempre que possível, um esquema gráfico/ imagem que pudesse ajudar a descrever a organização/ descrição dos exercícios. A estrutura do plano de aula pelo qual me foi permitido conceber o meu planeamento para a fase interventiva, foi deliberada em conjunto com o professor orientador e por nós estagiárias.

Depois de lecionada a aula, procedi à realização de uma reflexão crítica juntamente com o meu orientador e as restantes colegas de estágio para que pudesse caracterizar a atividade da aula, identificar e analisar as decisões de ajustamento e perceber os efeitos das mesmas, identificando os pontos mais e menos positivos, assim como verificar se os objetivos propostos tinham sido alcançados, estas reflexões revelaram-se bastante importantes para a minha evolução durante este ano de professora estagiária.

### ➤ **Realização**

#### **Intervenção Pedagógica**

Na área da intervenção pedagógica e segundo os documentos de apoio à Unidade Curricular (UC) de Didática da Educação Física e Desporto Escolar (2011), no ensino da atividade física existem certas habilidades pedagógicas fundamentais para a aula de Educação Física: o tempo que o aluno passa em atividade motora, as reações do professor às suas prestações, o clima da atividade e, por fim, a organização da atividade.

No mesmo documento é descrito que, o tempo de empenhamento motor deve ser efetivo à prática de um trabalho específico e de qualidade, orientada para o sucesso e concretização dos objetivos delineados, pois este tempo efetivo representa a aprendizagem dos alunos. Na reação do professor, às prestações dos alunos, o FB pedagógico, ultrapassa a simples informação do correto ou incorreto, pois este indica os meios pelo qual os alunos podem e devem fazer uso para que melhorem as suas prestações. É um processo de retroação, de informação frequente e de qualidade.

O clima das aulas e em especial das tarefas deve ser positivo, através de um desenvolvimento para o sucesso da prática desportiva do aluno, num clima de apoio e encorajamento de todos os intervenientes. No que diz respeito à organização, esta deve ser cuidada, prevalecendo a maximização do tempo em atividade física, a frequência do FB, o empenhamento cognitivo como meio facilitador das aprendizagens motoras e o controlo da aula.

*Segundo Siedentop (1998), “o docente eficaz é aquele que encontra os meios de manter os seus alunos empenhados de maneira apropriada sobre o objetivo, durante uma percentagem de tempo elevada, sem ter de recorrer a técnicas ou intervenções coercitivas, negativas ou punitivas. As quatro dimensões do processo ensino-aprendizagem estão sempre presentes de uma forma simultânea em qualquer episódio de ensino.”*

Tal como o autor refere, no desempenho da função de professor há, em termos de intervenção pedagógica, quatro dimensões que devem ser contempladas, que deverão estar sempre presentes numa aula, sendo elas: a instrução, a gestão, o clima e a disciplina. Será focada nessas mesmas dimensões, assim como nas minhas decisões de ajustamento que abordarei neste ponto a ação por mim desenvolvida enquanto professora estagiária.

### **Instrução**

Da dimensão instrução fazem parte todos os comportamentos e técnicas de intervenção, integradas no repertório do professor para informações substantivas de qualidade. Assim sendo, as preleções nos diferentes momentos da aula, o questionamento, o FB e a demonstração fazem parte desta dimensão.

O processo de instrução tem como missão o desenvolvimento da competência num determinado domínio de conteúdo, que se concretiza na adaptação de conhecimentos e habilidades e no desenvolvimento de capacidades e disposições ou atitudes relacionados com o conteúdo de instrução.

*Segundo Cohen & Ball, (1999), “enquanto mediador entre os materiais curriculares e o aluno, o professor, ocupa uma posição de charneira na construção da capacidade de instrução de um programa. O acolhimento que dá e o modo como interpreta as orientações para o ensino prescritas nos programas*

*oficiais ou sugeridas nos modelos instrucionais vão influenciar o trabalho na aula e as oportunidades de aprendizagem dos alunos*”. Para mim, esta citação contempla de uma forma excelente a forma como um professor deve encarar a sua posição entre os programas e os seus alunos, pois a forma como interpreta e apresenta influenciará o sucesso na aquisição dos conhecimentos por parte dos alunos.

No âmbito da minha ação em relação à instrução, desde o início do ano, que tive uma preocupação no sentido de proporcionar uma instrução de qualidade aos alunos, nomeadamente nas preleções, no feedback (FB), demonstrações e questionamentos.

Nestas quatro categorias que integram a instrução, senti que evolui bastante ao longo do ano, sendo que, aquela onde verifiquei uma maior evolução foi na quantidade e qualidade dos FB's. Esta evolução notou-se também em relação à prestação dos alunos, pois como melhorei na qualidade dos FB comecei a emitir FB com mais conteúdo e mais direcionados às especificidades de cada matéria que estávamos a lecionar além de, conseguir fechar os ciclos de FB verificando desta forma se o aluno tinha compreendido a informação transmitida.

Outra evolução que também notei bastante foi nas preleções iniciais e finais. Além de começarem à medida que ia evoluindo, a serem mais curtas e precisas também consegui dar preleções mais ricas em conteúdo.

### **Gestão Pedagógica**

A gestão pedagógica é, sem dúvida, um aspeto de extrema importância para o sucesso do ensino – aprendizagem dos alunos. Desta feita, existem vários fatores que condicionam uma boa gestão da aula, entre eles: o controlo do clima emocional, a gestão dos comportamentos dos alunos e a gestão das situações de aprendizagem.

Segundo Piéron (1998) *“o professor, seja ele de que disciplina for, é um gestor por excelência, de recursos humanos, materiais, espaciais e temporais. Os ganhos de aprendizagem estão intimamente dependentes do tempo passado na tarefa bem como da quantidade máxima de tempo de atividade motora passada em atividades específicas*”. O autor defende que, os ganhos de aprendizagem



refletem-se no empenhamento motor dos alunos e conseqüentemente numa aprendizagem efetiva. Para que haja um elevado tempo de aprendizagem é necessário minimizar os episódios de organização e transição, cumprindo com tempos e horários estipulados para as tarefas e partes da aula, assim como a estruturação de rotinas.

No que concerne a esta vertente da intervenção pedagógica, de início, tive alguma dificuldade na gestão do tempo de aula e da duração dos exercícios, além dos períodos de transição entre tarefas serem excessivamente longos. Nesta vertente, o núcleo deu uma importante ajuda pois começamos a cronometrar todos os períodos das aulas umas das outras, sendo que, no final da aula esses períodos eram debatidos durante a reflexão. Esta foi uma ajuda preciosa e com o tempo comecei a ter uma melhor gestão, outra solução encontrada foi o uso de relógio/cronómetro, principalmente nas aulas de ginástica onde trabalhei por estações, e onde por vezes, os alunos estavam mais tempo em determinadas estações do que outras porque não conseguia ter uma boa gestão do tempo. Com o decorrer das aulas e com a experiência adquirida, tornou-se mais fácil tornar as aulas dinâmicas e com tempos de transição reduzidos.

Também a criação de rotinas e de alguns tipos de sinalética gestual e sonora, potenciaram o aumento do tempo disponível para a prática motora específica. Quanto à montagem e preparação do material para a aula, este foi sempre preparado antes de iniciar a aula, maximizando assim o tempo útil da aula.

Esta foi uma dimensão que, como todas as outras, foi melhorada ao longo de todo o ano letivo. Para isso, a experiência adquirida ao longo das aulas assim como, as reflexões após as aulas com o professor e núcleo de estágio foram bastante importantes.

### **Clima/ Disciplina**

Para uma aula de EF decorrer de forma dinâmica, divertida e propícia à aprendizagem, os fatores clima e disciplina deverão estar bem presentes e serem respeitados por todos os intervenientes. Pois se pensarmos que, o controlo da

classe passa pelo controlo das relações e comportamentos dos alunos, ele será tão mais efetivo quanto melhor for essa coordenação.

Nesta ótica, desde a primeira aula que estas se desenvolveram de forma positiva, dinâmica e motivando os comportamentos apropriados. Tenho consciência de que, para a aula decorrer num clima agradável e propício à aprendizagem é necessário que exista uma forte presença do professor, assegurando que cada aula decorra dentro da disciplina conhecida por todos e com um clima positivo. Sendo que, a disciplina é o resultado da organização e gestão das atividades dos alunos, quer sejam diretamente ligadas à aula ou não.

Para controlar a turma, foi necessário tornar as regras claras para todos e definir a posição de cada um dentro da sala de aula. É certo que, em determinadas alturas o comportamento dos alunos tendeu a piorar, uma vez que, uns seguiam os “maus exemplos” dos outros. No entanto, as minhas decisões à medida que fui conhecendo a turma e cada aluno em particular, foram sendo cada vez mais adequadas. Outra observação que fiz foi que para as diferentes matérias, tinha alunos mais ou menos interessados/ motivados. Por exemplo, o atletismo e a ginástica (modalidades individuais) foi onde os alunos no geral revelaram maior desmotivação, nas modalidades coletivas os alunos já se mostravam mais motivados e empenhados nas aulas. Para contornar esta desmotivação dos alunos, tentei colocar competição em todas as matérias, uma vez que, esta turma apresentava grande competitividade entre si.

### **Decisões de Ajustamento**

Como já referi ao longo deste relatório, o processo de ensino aprendizagem deverá ser flexível e passível de adaptações. Tenho vindo a defender ao longo do documento que, qualquer planificação realizada é sempre passível de ser alterada, uma vez que, surgem sempre variáveis que obrigam a determinadas alterações.

Ao longo do ano letivo, foram algumas as decisões de ajustamento feitas por mim, das quais destaco: inicialmente, no PAT tinha como modalidade coletiva para o 3º período o futsal mas, em conversa com os alunos, optei por alterar para andebol pois além de ser, uma modalidade que não tinham abordado no ano anterior, tinham gosto em praticá-la; também no planeamento anual, sempre que,

por algum motivo (greve ou visitas de estudo) os alunos faltaram às aulas em coletivo foram realizados ajustamentos para não prejudicar os alunos; nas UD os objetivos terminais para cada uma foram alterados após os resultados da AD, adaptando assim, os objetivos aos níveis dos alunos; referindo-me aos PA sempre que faltavam alunos à aula e isso, altera-se a dinâmica dos exercícios pensava logo no início da aula em adaptações para não alterar o objetivo da aula nem dos exercícios; ainda nas aulas, por vezes, em tarefas que estavam organizadas de uma forma e que por alguma razão não estava a funcionar ou os alunos não estavam a conseguir atingir os objetivos previstos, nestas alturas modifiquei as condicionantes ou a tarefa propriamente dita.

No desenvolvimento da minha intervenção pedagógica, penso ter demonstrado uma evolução gradual na capacidade de decisão e ajustamento para corresponder com a eficácia desejada perante situações imprevistas. Não descurando os objetivos delineados nem aprendizagem dos alunos.

#### ➤ **Avaliação**

*Os resultados escolares dos alunos é um dos campos mais problemáticos do sistema educativo, tornando-se na face visível de um complexo edifício em permanente construção valorativa, através da recolha formal e informal de dados, com vista a uma tomada de decisão. (Pacheco & Zabalza,1995) cit. por José Augusto Pacheco in A avaliação da aprendizagem.*

Tal como os autores referem anteriormente, a avaliação pressupõe deste modo, a recolha de dados com vista à tomada de decisões que, será a nota ou classificação atribuída.

A complexidade e a diversidade das áreas e dos objetos de avaliação, propiciam a que, nos dias de hoje, possa ser conceptualizada de uma forma bastante alargada. Os autores que outrora estudaram a avaliação ao longo dos tempos, apresentam uma diversidade de conceitos sobre a avaliação causando uma problemática quanto à sua definição, no entanto, todos eles referem que a avaliação é um processo.

É consensual que a avaliação, é um elemento integrante e regulador da prática educativa, que através de uma recolha e análise sistemática de

informações, apoiam a tomada de decisões adequadas à promoção da qualidade das aprendizagens.

A avaliação em EF deve, primeiro que tudo, assumir um nível de uniformidade e coerência elevados, sobre o que se quer ensinar e o que se ensina, para que depois, o processo de avaliação seja concordante. Portanto a coerência entre planificação, realização e avaliação é indispensável para a realização da avaliação.

Assim, o processo de avaliação na turma do 9º foi realizado tendo em conta todos os requisitos exigidos pelo grupo da disciplina.

Foram três os tipos de avaliação utilizada: Diagnóstica, Formativa e Sumativa. São três tipos de avaliação que se complementam entre si, não dispensando qualquer delas nenhuma das outras, com efeito, têm funções diferentes e momentos diferentes.

Quanto à Avaliação Diagnóstica (AD), esta foi realizada na primeira aula de cada UD, aqui foi feita uma observação e recolha de dados sobre as capacidades e que os alunos da turma apresentavam no momento inicial. Posteriormente, foi refletido e planeado todo o processo de ensino - aprendizagem, segundo as capacidades dos alunos, de forma a decidir sobre os conteúdos a abordar e as estratégias de intervenção para os diferentes grupos de alunos. Para determinar o nível dos alunos, foram determinados os critérios de êxito para cada um dos níveis e a partir daí, cada conteúdo era avaliado em: NE – Não executa; E – Executa; EB – Executa Bem.

A avaliação formativa (AF) é aplicada aos processos utilizados pelo professor para adaptar a sua ação pedagógica em função dos processos e problemas de aprendizagem observados nos alunos. A sua grande finalidade é assegurar a articulação entre as características dos intervenientes e as características do sistema.

Esta avaliação decorreu ao longo de todas as aulas, como resultado da interação entre o professor e os alunos e através da observação direta e do questionamento. Posteriormente eram anotadas as informações e caso fosse necessário realizados os ajustamentos.

A avaliação sumativa (AS) foi realizada no final de cada UD e no final de cada período, sendo que, o nível cognitivo foi avaliado através de um teste teórico no

final de cada período. Esta avaliação é caracterizada pelo juízo em relação à prestação global dos alunos. Ou seja um balanço final sobre o desenvolvimento dos conhecimentos e competências, capacidades e atitudes dos alunos.

No entanto, antes de cada momento de avaliação final da unidade didática conversava com os alunos, de forma a mantê-los à vontade e tentando inibir o nervosismo, dizendo que pois a avaliação é contínua, ou seja, é efetuada em todas as aulas e este tipo de aula serve apenas para avaliar um ou outro aluno que escapou a minha observação. Nestas aulas, tive também presente que “era uma aula igual às outras” e de não me focar em demasia na avaliação, pois estaria a desperdiçar uma aula em que podia ensinar mais coisas aos alunos.

## **2. Atitude ético – profissional**

A dimensão ética está intrinsecamente ligada aos princípios e valores relativos à conduta pessoal de cada um. Enquanto profissional da educação, tive sempre presente que a minha conduta fosse ela positiva ou negativa, poderia influenciar não só o meu trabalho mas, também, o dos alunos ao qual me estava incumbido ensinar a “fazer bem” mas também a “ser melhor”.

A forma como me integramos na comunidade educativa desde o início facilitou também, a minha dedicação ao estágio e em especial, aos alunos da escola Ferrer Correia.

Desde que iniciei esta etapa que me mostrei disponível e acessível para todas as atividades da escola, pois o meu objetivo era absorver e aprender o máximo, não só com a prática pedagógica, mas também com a restante comunidade educativa. Penso que foi essa disponibilidade e acessibilidade que me ajudou a criar uma relação próxima e forte com a comunidade escolar, sentindo-me como fazendo parte daquela escola e daquela comunidade.

Promover a aprendizagem e a cultura desportiva foi outro aspeto, que me preocupei e disponibilizei como profissional da EF. Perante a diversidade de alunos da turma, tentei adaptar sempre o meu ensino mediante as diferentes evoluções dos alunos, apresentando-me sempre disponível para compreender e ajudar nas dificuldades de cada um. Fui exigente com a aprendizagem dos alunos e com a minha própria aprendizagem, adotando assim, uma atitude de evolução mútua.

De uma maneira sumária, penso que a minha atividade e atitude enquanto professora estagiária se desenrolou num clima de responsabilidade e de dedicação totais, fruto de boas relações entre todos os intervenientes.

### **Capítulo III – Análise reflexiva da prática pedagógica**

Findado o ano de Estágio Pedagógico é chegada a altura de realizar uma análise reflexiva aprofunda acerca da minha prestação ao longo destes meses enquanto profissional e docente do ensino da EF. Considero o EP um período fundamental e decisivo na vida de qualquer professor. No entanto, não deixa de ser uma etapa de muito nervosismo, intenso trabalho e dedicação, que nos exige um esforço acrescido, pois passamos de alunos a professores.

É uma etapa da nossa formação acadêmica em que os ensinamentos teórico - práticos das várias UC são operados em contexto real e na qual, a procura por mais informação e formação é mais do que presente e essencial no quotidiano de um professor estagiário. É uma experiencia bastante marcante e enriquecedora quer ao nível profissional, quer ao nível pessoal.

Concluo o estágio com a sensação de dever cumprido. Enquanto professora de EF, assumi com toda responsabilidade as minhas tarefas, e tive sempre como prioridade a aprendizagem dos alunos tendo realizado todos os esforços neste sentido.

Relembrando as minhas aprendizagens ao longo destes meses, não posso deixar de referir que foi fundamental o apoio e supervisão de ambos os orientadores de estágio, Professor Edgar Ventura e a Professora Maria João Campos, sem esquecer o núcleo de estágio o qual teve igualmente a sua importância no decorrer deste ano.

Falando ainda nas minhas aprendizagens, no que diz respeito à intervenção pedagógica destaco dois pontos que considero essenciais que foram: a relação entre aluno/ professora e a integração do aluno com NEE.

No que diz respeito à relação aluno/ professora, o fato de conhecer melhor os alunos, as suas características, os seus costumes, as suas dificuldades e até as suas situações familiares, influenciaram positivamente as minhas decisões de ajustamento e, de certa forma, o clima e a disciplina das aulas. Desde o início do ano, que reparei que a turma era muito competitiva, (talvez por serem muitos rapazes) por isso, até na constituição das equipas/ grupos tive de ter em conta o conhecimento que tinha dos alunos mais competitivos, para assim, evitar “brigas” desnecessárias e manter um clima onde o respeito e disciplina entre todos os intervenientes fossem constantes.

A integração do aluno com NEE nas minhas aulas de EF foi também para mim uma grande aprendizagem e um enorme desafio. A sua integração nunca foi muito difícil pois, na sua grande maioria os alunos eram cooperantes com este aluno e integraram-no facilmente. No entanto, nem sempre foi assim. No início do ano, em determinadas aulas, alguns alunos “rejeitaram-se” a ficar com o colega, dizendo que este ia prejudicar a sua prestação entre outros comentários. Nestas situações, fui conhecendo quais os alunos que melhor aceitavam o aluno e no final da aula, tentava falar a sós com os alunos que se tinham rejeitado a fazer os exercícios com o colega. Com muita paciência e dedicação fui conseguindo que todos os alunos o integrassem nos seus grupos de trabalho, o que para mim foi uma vitória para todos.

No âmbito da avaliação e controlo dos processos, fui melhorando ao longo das UD a minha observação tanto na avaliação diagnóstica com na avaliação formativa. No início do estágio tinha bastante dificuldade em conseguir avaliar os alunos, pois eram muitos os conteúdos e principalmente em situação de jogo tornava-se difícil conseguir avaliar de forma justa.

Na conceção do planeamento, penso que consegui evoluir bastante na qualidade dos planos de aula, das UD e em todos os documentos necessários ao trabalho de um professor e solicitados pelo orientador. Ao nível dos planos de aula, melhorei bastante na explicação dos exercícios e na definição clara e distinta dos critérios de êxito/ componentes críticas e objetivos comportamentais.

Nas UD evolução também se deu bastante ao nível da qualidade do seu conteúdo, principalmente na definição dos objetivos e na seleção das progressões pedagógicas mais adequadas ao nível dos alunos.

Fazendo referência à atitude ético – profissional deve dizer que desde o início do estágio que esta foi a mais adequada, mostrando-me sempre com total disponibilidade para as tarefas do estágio e da escola e tentado intervir e interagir com toda a comunidade educativa. Fui sempre assídua e pontual e promovi o mesmo junto dos alunos e colegas de estágio. Ao nível da capacidade de iniciativa e responsabilidade revelei em todos os momentos sentido de responsabilidade, respeito pelos compromissos assumidos e capacidade de iniciativa. Assumi a minha responsabilidade no trabalho individual e coletivo,



assim como, uma apresentação e conduta pessoal adequadas perante os alunos, professores e funcionários.

Para finalizar reconheço que o sucesso que alcancei este ano, apenas foi possível através da atitude de humildade e responsabilidade que assumi desde o início do estágio. Foi através dessa humildade que procurei o conhecimento, tendo sempre presente o compromisso ético com as aprendizagens dos alunos.

## **Capítulo IV - Aprofundamento do tema/ problema**

### **Tema**

Educação Física Inclusiva: Cosmovisão do Aluno portador de Necessidades Educativas Especiais

### **Enquadramento do estudo**

Descrever e desenvolver um Tema/Problema que experienciei durante o meu estágio pedagógico, demonstrando integração do conhecimento de caráter científico e de relevância à prática da disciplina de Educação Física, é o objetivo do presente capítulo. Assim, o Tema/Problema que irei desenvolver irá reportar-se à visão dos alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) na educação física inclusiva.

Cada criança enquanto aluno, tem características diferentes, podendo ordem ser de origem física, cognitiva, social, e afetiva. A designação de Necessidades Educativas Especiais (NEE) refere-se às diferenças significativas entre a capacidade e os resultados obtidos por uma criança. (Nielsen, 1999)

Atualmente exige-se uma pedagogia centrada nas crianças e nas suas necessidades, de modo a dar respostas adequadas às suas características para que a sua inclusão nas aulas de educação física seja plena e sentida por todos.

A aula de Educação Física (EF) pelas suas características, constitui-se como um ótimo ambiente para a transmissão de valores e desenvolvimento de capacidades físicas, intelectuais, afetivas e sociais. Ao permitir uma proximidade interpessoal, a transmissão de igualdade e respeito pela diferença, evidencia-se como sendo um ambiente ideal para a implementação da inclusão.

### **Pertinência do estudo**

Atendendo à experiência que tive com um aluno N.E.E., considero extremamente pertinente proceder ao estudo do tema “Educação Física Inclusiva: cosmovisão do aluno com Necessidades Educativas Especiais”.

Torna-se fundamental que todos os alunos, independentemente das suas capacidades, tenham contacto com a disciplina de Educação Física tirando partido dos seus benefícios a nível físico, cognitivo, social e afetivo. Pretende-se que as aulas de EF proporcionem momentos desportivos de interação, aprendizagem e participação ativa em atividades físicas. Neste contexto, as atitudes do professor e dos pares são fundamentais para que a integração e o sucesso das aprendizagens destes alunos possuidores de deficiência seja efetiva. É objetivo do estudo estudar o ambiente que envolve a educação física e a inclusão dos alunos com NEE, sob a perspectiva do próprio aluno.

## **Revisão da literatura**

### **Definição de Deficiência e Necessidades Educativas Especiais (NEE)**

Segundo a OMS a deficiência é representada como — qualquer perda ou anormalidade da estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatómica.

Como tal, as pessoas não deverão ser encaradas como deficientes, mas sim como pessoas com necessidades educativas especiais, segundo Bernnan, 1997 - Há uma necessidade educativa especial quando um problema (físico, sensorial, intelectual, emocional, social ou qualquer combinação destas problemáticas) afeta a aprendizagem ao ponto de serem necessários acessos especiais ao currículo, ao currículo especial ou modificado, ou a condições de aprendizagem especialmente adaptadas para que o aluno possa receber uma educação apropriada.

Tal necessidade educativa pode classificar-se de ligeira a severa e pode ser permanente ou manifestar-se durante uma fase do desenvolvimento. (Brennan, 1997).

Para a Declaração de Salamanca (1994), o termo Necessidades Educativas Especiais, refere-se a “todas aquelas crianças ou jovens cujas necessidades educacionais especiais se originam em função de deficiências ou dificuldades de aprendizagem. Muitas crianças experimentam dificuldades de aprendizagem e portanto possuem necessidades educativas especiais em algum ponto durante o seu percurso escolar.”

Com o decorrer do tempo, a definição foi evoluindo, e já não é mais considerada um estado global do ser. Portanto, ninguém pode ser considerado

100% deficiente, não podendo conseqüentemente ser considerado como tal. Em vez disso, a deficiência deve ser encarada como uma mala que a pessoa transporta, e que a limita em algumas tarefas, mas não em todas (Sherrill, 2004).

## **Educação Inclusiva**

A abundante literatura, a nível nacional e internacional, sobre o tema *educação inclusiva*, confirma as tendências atuais em matéria de princípios, políticas e práticas educativas. O conceito de educação inclusiva pode ser definido, segundo Hegarty (1994), como o desenvolvimento de uma educação apropriada e de alta qualidade para alunos com NEE na escola regular. Por outro lado, podemos definir Inclusão, como a filosofia que suporta a ideia de colocar alunos com NEE em salas de aula conjuntamente com alunos sem NEE (Block, 2007). A *Declaração de Salamanca*, documento de referência da educação inclusiva, continua atual quando conclui “ Por um tempo demasiado longo, as pessoas com deficiência têm sido marcadas por uma sociedade incapacitante que acentua mais os seus limites do que as suas potencialidades” (UNESCO, 1994).

## **Diferença entre Inclusão e Integração**

Quando se fala de Escola Integrativa trata-se de uma escola em tudo semelhante a uma escola tradicional, em que os alunos com deficiência recebiam um tratamento especial. A perspectiva da Escola Inclusiva tona-se oposta à da Escola Tradicional e Integrativa ao promover uma escola de sucesso para todos e ao encarar os alunos como todos diferentes e necessitados de uma pedagogia diferenciada (Perrenoud, 1996) e cumprindo o direito à plena participação de todos os alunos na escola regular. O conceito de educação inclusiva pode ser definido como “o desenvolvimento de uma educação apropriada e de alta qualidade para alunos com necessidades especiais na escola regular” (Hegarty, 1994).

Segundo Calado (2008) a grande diferença entre integração e inclusão reside no facto de que, enquanto no primeiro se procura investir na preparação do indivíduo para a vida na comunidade, no outro, além de se investir no processo de desenvolvimento do indivíduo, procura-se a criação imediata de condições que

garantam o acesso e a participação da pessoa na vida comunitária, através do fornecimento de suportes físicos, psicológicos, sociais e instrumentais. Pelo facto de o movimento inclusivo se ter desenvolvido após o movimento integrativo e ter adaptado frequentemente os mesmos agentes e recursos, diz-se que a Inclusão é uma evolução ou mesmo um novo nome da Integração.

### **O papel da Educação Física na Inclusão**

De acordo com Sherril (1998) e Evaggelinou (2006), a EF é uma das disciplinas mais significantes para alterar as atitudes face à deficiência no geral e mais particularmente no desporto, contribuindo para o sucesso.

Souza (2007), defende que a EF fornece elementos que outro tipo de atividades não poderia fornecer, portanto podemos utilizá-la como meio de promoção e despertar das potencialidades de uma pessoa com deficiência.

Rodrigues (2003) defende que, a Educação Física como disciplina curricular não pode ficar indiferente ou neutra face a este movimento de Educação Inclusiva. Fazendo parte integrante do currículo oferecido pela escola, esta disciplina pode-se constituir como um adjuvante ou um obstáculo adicional a que a escola seja (ou se torne) mais inclusiva. O mesmo autor afirma que, existem três grandes razões pelas quais a EF tem possibilidades de ser um adjuvante para a construção da educação inclusiva. Em primeiro lugar em EF os conteúdos ministrados apresentam um grau de determinação e rigidez menor do que outras disciplinas. O professor de EF dispõe de uma maior liberdade para organizar os conteúdos que pretende que os alunos vivenciem ou aprendam nas suas aulas. Este menor determinismo de conteúdos é comumente julgado como positivo face a alunos que têm dificuldades em corresponder a solicitações muito estritas e das quais os professores têm dificuldade em abdicar devido a eles próprios se sentirem constrangidos pelos ditames dos programas. Assim, aparentemente a EF seria uma área curricular mais facilmente inclusiva devido à flexibilidade inerente aos seus conteúdos o que conduziria a uma maior facilidade de diferenciação curricular.

Em segundo lugar, os professores de EF são vistos como profissionais que desenvolvem atitudes mais positivas face aos alunos que os restantes professores. Talvez devido aos aspetos fortemente expressivos da disciplina, os

professores são conotados com profissionais com atitudes mais favoráveis à inclusão e que conseqüentemente que levantam menos problemas e encontram soluções mais facilmente para casos difíceis. Esta imagem positiva e dinâmica dos professores de EF é um elemento importante da sua identidade profissional sendo por isso frequentemente solicitados para participar em projetos de inovação na escola.

Em terceiro lugar a EF é julgada como uma área importante de inclusão dado que permite uma ampla participação mesmo de alunos que evidenciam dificuldades. Este facto pode ser ilustrado com a omnipresença da EF em planos curriculares parciais elaborados para alunos com necessidades especiais. Ainda que conscientes das diferentes aptidões específicas de cada um, entende-se que a EF é capaz de suscitar uma participação e um grau de satisfação elevado de alunos com níveis de desempenho muito diferentes.

## **A dimensão Humana**

### **Os pares**

O movimento social ligado à educação inclusiva encontra-se historicamente relacionado com a luta pelos direitos, sobretudo na inclusão dos mais carenciados ou marginalizados pela sociedade. É necessária a implementação da inclusão, para que haja uma sociedade mais justa, e desta forma ajudar a melhorar a qualidade da educação, contribuindo assim para a formação de sujeitos críticos (Crochík et al., 2009). Muitos defensores acreditam nos benefícios da inclusão que os alunos com deficiência podem usufruir através das interações sociais, particularmente se essas interações forem positivas, frequentes e pertinentes e se as relações de igualdade forem encorajadas. (Blinde e McCallister, 1998; Goodwin e Watkinson, 2000; Place & Hodge, 2001).

Apesar de, na pesquisa recente, se encontrarem alguns resultados positivos nas experiências positivas nas aulas de EF (Blinde & McCallister, 1998; Goodwin, 2001; Goodwin & Watkinson, 2000; Hutzler, Fliess, Chacham, & Van den Auweele, 2002; Place & Hodge, 2001), a maior decepção referida na bibliografia sobre inclusão na EF, diz respeito à interação social entre pares com e sem deficiência. Esta decepção traduz-se no reduzido número de oportunidades de aprendizagem social para os alunos com deficiência (Block & Obrušnikova, 2007).

Muitos defensores acreditam que um ambiente inclusivo pode contribuir para aumentar a auto estima de crianças com deficiência e incrementar a sua aceitação social e interesse dos seus pares (Place e Hodge, 2001).

Vinga a ideia de que, a inclusão na aula de EF pode proporcionar aos alunos sem deficiência uma consciencialização da diversidade que é composta a sociedade, consciencializando para a cooperação e interajuda.

No entanto, deparamo-nos com uma contradição. Se uma das razões que se aponta para a integração dos alunos com NEE é a necessidade de interação com os seus pares, mas, grande parte dos estudos demonstra que os alunos com deficiência normalmente, estabelecem um contato muito limitado com os seus pares, quando incluídos nas aulas de EF regulares (Block & Obrusnikova, 2007). Leva-nos assim, a acreditar que os aspetos sociais da inclusão podem nem sempre ser positivos para os alunos com deficiência.

### ***Os professores***

Dos estudos realizados acerca da inclusão de alunos com NEE nas turmas regulares de EF, assim como, as consequências ao nível da prática pedagógica dos professores, ressaltam as ideias de que para os professores, a inclusão dos alunos com NEE é idealista, mas não realista, sendo mais difícil concretizar com os alunos cujas dificuldades são mais severas (Evans & Lunt, 2002)

Outro estudo, revela que para alguns professores, a inclusão é vista como uma “aspiração”, ou seja, para eles significa que todos os dias trabalham para aquilo que chamam a “Grande Inclusão”, manifestando grande e evidente preocupação com os princípios da inclusão, mas, na prática, a inclusão de alunos com dificuldades em EF, não será, na sua opinião, realizada se forma elevada (Morley, Bailey, Tan, & Cooke, 2005)

Concluindo, em grosso modo, os professores de EF não acreditam ter conhecimentos e competências para lidar com as situações educativas de alunos com deficiência, pelo que apresentam um nível moderado de confiança na sua capacidade para implementar a inclusão.

## Dimensão Curricular

### ➤ A aula de Educação Física

Adequações curriculares são adaptações que se referem a qualquer modificação ao currículo educativo regular de modo a prevenir um desfasamento entre o nível das capacidades de um aluno e o conteúdo de uma aula promovendo o sucesso do aluno no processo de aprendizagem (Block & Vogler, 1994).

Apesar de, as adequações serem necessárias à prática pedagógica, devem ser sempre acompanhadas de um encorajamento por parte dos professores, auxiliares e pares, no sentido de desafiarem o aluno com deficiência a desempenharem tarefas que os levem a alcançar o sucesso, mesmo que isso exija algum esforço (Hutzler, Fliess, Chacham, & Auweele, 2002).

Ao nível do conteúdo e das estratégias encontramos alguns exemplos na literatura. As crianças com NEE necessitam de um currículo que envolva um ensino em equipa e em pequenos grupos e que abranja as atividades individuais e a vida quotidiana (Sherrill, 1998).

Cumellas & Estrany (2006), defendem que a aprendizagem do aluno deve ser construída utilizando atividades lúdicas motivadoras e gratificantes para o aluno.

No entanto, tal como já foi referido anteriormente a perspectiva do aluno relativamente à sua inclusão na EF tem sido alvo de pouca pesquisa.

Segundo a perspetiva de Skaggs & Hopper (2006), os ambientes segregadores parecem promover uma maior aptidão física e psicomotora em relação aos ambientes integrados, fruto de um trabalho mais dirigido.

A individualização do ensino, como resposta às necessidades do aluno com NEE, não significa necessariamente um trabalho isolado. É necessário que se criem estratégias diversificadas considerando quer o currículo comum, quer as adaptações curriculares, sempre de acordo com as circunstâncias e as capacidades e necessidades dos alunos (Correia & Serrano, 2003).

Block & Obrusnikova (2007), revelaram nos seus estudos que os alunos apresentaram melhorias no seu desempenho motor e na percentagem de



participação, tanto após a intervenção de pares tutores treinados, como de auxiliares de educação. A investigação sugere ainda que o apoio de auxiliares de educação treinados em conjunto com pares tutores, pode não só ajudar na inclusão dos alunos com deficiência mas também prevenir a interferência na aprendizagem dos alunos sem deficiência.

## **Metodologia**

A metodologia utilizada para este estudo foi o método de pesquisa qualitativo, uma vez que, possibilita a produção de um estudo compreensivo e interpretativo da prática discursiva acerca da problemática da inclusão na aula de EF. Desta forma, o estudo contempla a análise do conteúdo das entrevistas realizadas.

As entrevistas foram realizadas com base num guião de entrevista semi – estruturada, onde as questões corresponderam à análise da bibliografia consultada de estudos anteriores. As entrevistas foram realizadas num contexto informal, durante o período letivo e com o acompanhamento da professora de ensino especial, em alguns casos de alunos com maior défice de compreensão e interpretação das questões.

## **Caraterização da Amostra**

A amostra deste estudo é constituída por cinco alunos, 3 do sexo masculino e dois do sexo feminino com idades entre os 13 e os 18 anos. Sendo que um aluno é portador de deficiência mental; um aluno portador de défice cognitivo e com o nível de comportamento adaptativo composto abaixo da média para a sua idade cronológica; um aluno é portador de um atraso mental e alterações graves no comportamento; uma aluna apresenta uma deficiência intelectual grave e por último, uma aluna apresenta uma deficiência intelectual moderada.

## **Instrumento**

Como já referi anteriormente, o instrumento utilizado para a recolha dos dados foi a entrevista semi – estruturada. A opção por uma entrevista semi – estrutura prendeu-se com a necessidade de orientar a entrevista para o objeto de estudo sem, no entanto, impedir que o entrevistado se expressa-se livremente.

## **Análise das entrevistas**

Neste tipo de estudo, pretendo realizar um estudo compreensivo do discurso dos entrevistados, para dele extrair sentimentos, perceções e opiniões. Para isso irei utilizar uma técnica de análise de conteúdo.

Segundo Quivy & Campenhoudt (1995) a flexibilidade da análise de conteúdo na investigação, possibilita o seu tratamento de forma metódica da investigação e testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade, de complexidade e subjetividade.

Vala (2005) menciona que as operações de análise de conteúdo pressupõem a delimitação dos objetivos em conjunto com um quadro de referência teórico, a determinação de um *corpus*, a definição de categorias e a definição de unidades de análise. O mesmo autor reconhece ainda, duas unidades de análise: a unidade de registo e de contexto.

Estabeleci as categorias tendo em conta os objetivos do estudo e tendo como referência a bibliografia consultada. O conteúdo das entrevistas transcritas (em anexo), formam o *corpus* da análise, as unidades de análise será a unidade de registo temática e a de contexto a entrevista.

As unidades de registo foram agrupadas nas seguintes categorias/ tema:

1. Contextualização do aluno face à EF;
2. Auto perceção face à aula de EF;
3. Auto perceção face aos pares.

## **Categoria 1 – Contextualização do aluno face à EF**

Nesta categoria, pretendo conhecer a perspectiva do aluno face à disciplina de EF. Mais concretamente o seu gosto pelo desporto em geral e pela disciplina.

## **Categoria 2 – Auto percepção face à aula de EF**

Nesta categoria pretendo conhecer como se desenvolve o processo de ensino –aprendizagem dos alunos com NEE. Neste sentido, os alunos foram questionados acerca da dificuldade das atividades que realizam, quais as metodologias utilizadas pelo professor para a sua realização, em relação a sua competitividade e acerca da sua participação efetiva na aula. No fundo, é minha intenção perceber a opinião dos alunos relativamente a temas como, o tempo de empenhamento motor, as suas preferências por atividades isoladas ou em grupo e as suas aspirações.

## **Categoria 3 - Auto percepção face aos pares**

Esta categoria pretende conhecer a forma como os alunos percecionam as relações que estabelecem com os seus pares sem NEE na aula de EF. Mais concretamente, conhecer as atitudes dos seus pares em relação a estes alunos e de que forma é percecionada pelos alunos com NEE.

## **Apresentação e discussão dos resultados**

Neste capítulo pretendo apresentar e discutir os resultados apurados da análise aos materiais recolhidos. Tentarei realizar uma interpretação dos resultados obtidos face a um quadro conceptual e a um conjunto de questões previamente explorados.

A discussão está organizada de acordo com as três categorias definidas e pretende estabelecer uma ligação entre a bibliografia consultada, a opinião dos alunos e a minha interpretação pessoal das suas respostas.

## **Categoria 1 – Contextualização do aluno face à disciplina de EF**

Segundo Correia (2003), os conteúdos devem ser relevantes e significativos a fim de motivar os alunos à sua aprendizagem. É importante serem contextualizados tendo em conta não só os objetivos curriculares, mas também os estilos e ritmos de aprendizagem e os interesses dos alunos.

Ao nível do conteúdo e das estratégias encontramos alguns exemplos na literatura. Sherrill (1998) refere que, as crianças com NEE necessitam de um currículo que envolva um ensino em equipa e em pequenos grupos e que abranja as atividades individuais e a vida quotidiana.

No que toca aos conteúdos abordados, os alunos expressaram as suas preferências:

“Gosto de jogar futebol e das corridas” (R4)

“Não tenho preferência, gosto de todas as modalidades que damos na EF” (R5)

“ Gosto de jogar futebol, é a minha favorita porque marco golos” (R3)

“ Gosto de jogar badminton, é mais para as meninas” (R2)

“Gosto de futebol, voleibol e andebol” (R1)

Nota-se que as modalidades coletivas como o futebol são as de maior preferência pelos alunos. No entanto, também existem outras respostas como o badminton no caso de uma aluno achar que é uma modalidade “mais para as meninas” e outro aluno não tem preferência por nenhuma modalidade.

Quando questionados acerca da diversão das aulas e se têm preferência por desportos coletivos ou individuais os alunos responderam:

- “Gosto mais dos coletivos... é divertido, é como se estivéssemos sempre a brincar e a correr de um lado para o outro”...as outras aulas são uma seca”
- “ Gosto dos coletivos, são muito divertidas porque gosto de jogar com os colegas e gosto de ganhar e depois damos castigo aos que perderam e é engraçado” (R1)
- “Eu gosto de todos...é divertido porque gosto de jogar com os colegas e com a professora ela às vezes também entra nas brincadeiras...” (R3)
- “Gosto dos coletivos e de individuais só gosto das corridas de atletismo, sim são divertidas porque jogamos em conjunto, fazemos vários exercícios e alguns até são divertidos” (R4)

Como já foi referido anteriormente, os alunos encaram de forma positiva as atividades em que se podem envolver com os restantes colegas, como é o caso das atividades coletivas.

Nesta categoria podemos aferir que, os alunos gostam de EF e que as modalidades coletivas são as preferidas nas entrevistas realizadas. Todos os alunos entrevistados referiram que as suas aulas de EF eram divertidas devido à possibilidade das interações que acontecem entre estes e os restantes pares e professor.

### **Categoria 2 – Auto percepção face à aula de EF**

Segundo Correia (2003), as atividades são, no fundo, o veículo para que os conteúdos aprendidos e os objetivos inicialmente propostos pelo professor sejam atingidos. Desta forma, no sentido de uma diferenciação pedagógica, a sua delineação, construção, escolha e organização, assumem-se como muito importantes em todo o processo escolar.

Casanova (1999), defende que deve ser favorecido o maior número de atividades, que sejam mais fáceis ou complexas e também diferentes, de acordo com as diferenças que os alunos apresentam, diferenças estas que, serão mais acentuadas nuns casos do que noutros, bem como derivadas de situações diversas.

As respostas abaixo correspondem às opiniões dos alunos acerca da sua prestação na aula, e na metodologia utilizada pelos professores na sua inclusão na aula de EF:

- “ Normalmente são fáceis, mas na ginástica de aparelhos eu chegava lá e parava, acho que era porque tinha medo de me aleijar mas a professora não ralhava e dizia para eu fazer outra coisa diferente... era só quando não conseguia fazer que ela me dava exercícios diferentes ” (R3)
- Alguns exercícios são difíceis, as vezes, não consigo marcar golos nem consigo fazer igual a eles...” (R1)
- São fáceis, eu consigo fazer sempre tudo o que a professora pede (...) faço quase sempre o mesmo que os meus colegas, mas, as vezes, faço coisas diferentes quando eles estão a fazer coisas difíceis que eu não consigo” (R4)
- “ Alguns são difíceis e não consigo fazer muito bem... eu faço sempre diferente deles porque eles fazem melhor que eu” (R2)

Também quando questionados acerca se gostam de fazer o mesmo que os colegas e se costumam fazer as mesmas atividades/ exercícios juntamente com eles ou em exercícios à parte, os alunos responderam:

- “Costumo fazer os mesmos exercícios que eles e fazemos quase sempre em grupos, só às vezes, é que como não dá para jogarmos todos a professora faz equipas e ficamos durante algum tempo de fora, mas é pouco tempo” (R1)
- “A professora nunca me deixa sozinho, faço sempre com alguém... e gosto mais assim do que fazer sozinho” (R2)
- “Depende... algumas aulas fico sozinho, mas outras fico sempre com os meus colegas... mas gosto mais quando posso ficar com eles a aula toda” (R3)
- “Gosto de fazer o mesmo que eles claro, mas sei que às vezes é complicado para a professora porque são exercícios um bocado difíceis para mim... mas quando eles fazem por exemplo jogos com mais gente, faço quase sempre com as minhas colegas mais chegadas” (R5)

Estes depoimentos dos alunos seguem a mesma linha defendida por Rodrigues (2006), os professores declaram que trabalham os mesmos conteúdos juntamente com a turma, mas depois variam as tarefas propostas de acordo com a especificidade dos alunos utilizando estratégias diferenciadas. O mesmo autor refere ainda que nas atividades, a diferenciação passa pela introdução de exercícios em forma jogada, exercícios de base adequados às características dos alunos e tarefas que originem motivação.

Ainda Jordán (2004) refere que, o jogo pode ser uma atividade geradora de aprendizagem espontânea, tanto a nível motor como cognitivo e social, sendo conveniente prever as propostas de jogos a realizar, assim como a sua sequência. Desta forma os alunos parecem ter uma visão positiva da sua inclusão na aula, pois referem que participam nas atividades com os restantes colegas, salientando que, o jogo está presente em todas as aulas e que é nesta parte da aula que a sua participação é mais efetiva.

Outras das questões colocadas aos alunos foi se, estes sentiam que poderiam fazer mais do que aquilo que fazem nas aulas de EF, no fundo era minha intenção

perceber se estes alunos sentiam que tinham capacidades para fazer mais do que aquilo que fazem na realidade. As respostas, dado a alguns alunos terem um nível cognitivo baixo devido às suas deficiências, foram todas muito idênticas:

- “Eu acho que já faço o suficiente... acho que chega...” (R1)
- “Não sei, eu gostava de correr mais vezes à volta da escola, gosto de correr...” (R2)
- “Não... porque não sei fazer muitas coisas e já assim é complicado as vezes...”
- “Sim... gostava de fazer mais coisas fáceis... mas não sei eu até me safo bem a fazer as coisas...” (R5)

### **Categoria 3 – Auto Perceção face aos colegas**

Como já foi referido anteriormente em estudo realizados por Block & Obrusnikova (2007) afirmam que provavelmente a maior decepção na literatura da inclusão na EF diz respeito à interação social entre pares com e sem deficiência. No meu estudo os alunos marcaram bem a sua perceção quanto aos seus colegas quando questionados acerca das suas limitações de interpretação das atividades e das atitudes dos seus pares. A grande maioria diz-se incluída e apoiada nas atividades no entanto, esse apoio é sentido pelos alunos mais próximos e são quase sempre os mesmos:

- “ eles percebem quando não compreendo bem o que é para fazer e explicam-me, principalmente a Maria, que já sabe que as vezes não entendo e volta a explicar-me mas ou outros não ralham” (R5)
- “depende, alguns ajudam-me outros não querem saber...” (R1)
- “eles explicam... são meus amigos mas a professora também sabe me explicar bem” (R3)

Ao contrário do que é defendido pela literatura na área os alunos sentem-se incluídos nas aulas e apoiados pelos seus pares sem deficiência. Não houve relatos de algum aluno ser gozado ou ridicularizado por parte dos colegas. O testemunho do aluno R3 refere ainda que o fato de a professora explicar bem o ajuda a não ter dificuldades em compreender os exercícios.

Parece ser então fulcral que, o modo como os alunos com NEE percebem a sua inclusão na turma e na aula de EF é sem dúvida essencial para esta seja realizada com sucesso.

### **Considerações Finais**

O estudo de caso apresentado permite-nos tirar algumas conclusões da importância de realizar mais estudos na área, perspectivando a visão dos alunos com NEE. Foi gratificante observar que, à medida que ia elaborando este trabalho as perspectivas dos alunos com NEE da escola onde estagiei durante este ano letivo, não estão totalmente em consonância com a visão dos alunos com NEE relatados na bibliografia consultada.

De acordo com os discursos apresentados pelos alunos entrevistados relativamente à sua inclusão na aula de EF retiramos algumas considerações finais:

Os alunos preferem atividades realizadas em grupo a atividades isoladas. Afirmam que, são poucas as vezes que realizam atividade diferentes e isoladas dos restantes colegas, no entanto, quando as realizam consideram-nas “uma seca”.

Relativamente aos conteúdos, estes preferem as atividades coletivas como o futebol. No entanto, o badmínton e as corridas do atletismo também foram referidos como uma modalidade preferida.

Questionados acerca do que gostariam de fazer nas aulas e que não fazem, os alunos acreditam que já fazem o suficiente ou então, que não sabem. Também referem que, no geral, os seus pares os aceitam bem nas aulas e nos grupos ao qual constituem.

Pude constatar que, dois dos alunos entrevistados referem que gostariam de realizar outras atividades além das realizadas na aula, no entanto, têm consciência que se torna difícil devido às suas limitações.

Quanto ao apoio dos colegas uma aluna entrevistada refere que são “as amigas mais chegadas” que dão um apoio mais efetivo pois já conhecem as suas limitações. No entanto, a turma em geral não desaprova a presença de alunos com NEE nem tem comportamentos desajustados e negativos em relação a estes alunos. Uma expressão, usada com muita frequência foi “às vezes”, o que poderá



levar a entendermos que nem sempre estes alunos percebem as coisas da mesma forma ou então, dependendo de fatores inerentes à própria aula, como os conteúdos, o clima, ou as atividades de aprendizagem poderão levar a que os alunos se sintam “às vezes” incluídos ou não.

Finalizando, este estudo de caso foi para mim uma mais-valia e uma ambição pois como realizei o estágio pedagógico na primeira escola integrada do país, considero de todo pertinente realizar um estudo que envolvesse a visão dos alunos com NEE acerca da sua integração na aula de EF. As conclusões que retirei também foram bastante satisfatórias pois de uma forma geral, todos os alunos sentem-se incluídos e têm uma visão positiva acerca da sua inclusão.

## **Conclusão e Perspetivas para o futuro**

Terminado este relatório, fruto do trabalho que desenvolvi ao longo de nove meses como professora estagiária na escola Ferrer Correia, posso afirmar que o trabalho desenvolvido nesta escola me deu um prol de conhecimentos e experiencias únicas, mas também, ainda mais gosto e certezas da profissão que escolhi para mim.

Ser professora de EF foi desde cedo um sonho e uma meta para mim. É com um grande orgulho que termino esta etapa da minha formação, certa de que, o caminho ainda é longo e que ainda há muito a aprender e a viver. No entanto, tenho consciência que cresci este ano, cresci a nível profissional e a nível pessoal. Levo comigo ensinamentos e experiências que me irão acompanhar para o resto da minha carreira e da minha vida.

Devo considerar o fim deste ciclo como o início de outro, desejo veemente que o próximo ciclo seja poder exercer num futuro próximo a profissão que escolhi, poder voltar a ensinar, a transmitir, encaminhar, e acima de tudo, a acreditar que tudo é possível com dedicação, empenho e gosto.

## Referencias Bibliográficas

- Bento, J. O. (2003). Planeamento e Preparação da Unidade Temática ou Didática. In J. O. Bento, *Planeamento e Avaliação em Educação Física* (p. 75;100). Lisboa: Horizonte.
- Blinde, M. E., & MsCallister, S. G. (1998). Listening to the voices of students with disabilities. *Journal of Physical Education, Recreation, and Dance*, 69(6), 64-68.
- Block, M., & Válková, I., (2003) Impact of Inclusion in General Physical Education on Students without Disabilities. *Adapted Physical Activity Quarterly*, vol. 20, pág 230-245.
- Block, M. & Obrusnikova, I. (2007). Inclusion in Physical Education: A Review of the Literature From 1995-2005. *Adapted Physical Activity Quarterly*. 24, 103-124.
- Casanova, M. (1999). Atenção à Diversidade a partir da Flexibilidade do Currículo. In M. L. S. Mendes (Ed.), *Fórum Escola, Diversidade e Currículo*. Lisboa: Ministério da Educação - Departamento de Educação Básica.
- Calado, P. (2008) - *Avaliação da acção - Inclusão de alunos com nee*. Centro Recursos e Formação. Associação Portuguesa de Investigação Educacional. Disponível em <http://cerfapie.blogs.sapo.pt/50910.html>
- Correia, P. (2003). *Diferenciação Pedagógica nas Aulas de Educação Física em alunos com Paralisia Cerebral Dependentes de Cadeira de Rodas*. Porto: Paulo Correia. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto
- Evans, J., & Lunt, I. (2002). Inclusive Education: Are There Limits? *European Journal of Special Needs Education*, 17(1), 1-14
- Hodge, S., Ammah, J., Casebolt, K., LaMaster, K., & Sullivan, M. O. (2004). High School General Physical Education Teachers Behaviors and Beliefs Associated with Inclusion
- Hegarty (1994)"Integration and the Teacher" in: C.J.W, Meyer, S.J.Pijl and S. Hegarty (eds.) *New Perspectives in Special Education: a Six Country Study of Integration*, London, Routledge.

- Morley, D., Bailey, R., Tan, J., & Cooke, B. (2005). Inclusive Physical Education: Teacher's Views of Including Pupils with Special Educational Needs and/or Disabilities in Physical Education. *European Physical Education Review*, 11(1), 84-104.
- Nielsen, L. B. (1999). *Necessidades educativas especiais na sala de aula: um guia para professores*: Porto Editora.
- Perrenoud, P (1996) “*La pedagogie à l’école des différences*», ESF, Paris
- Piéron, M. (1996). *Formação de Professores. Aquisição de Técnicas de Ensino e Supervisão Pedagógica*. Lisboa: Ciências da Educação, Edições FMH.
- Piéron, M. (1999). *Para una enseñanza eficaz de las actividades físico-deportivas*. Zaragoza: INO Reproducciones
- Ramos, D. G. E. F. (2008). A Inclusão na aula de Educação Física: a perspectiva de alunos portadores de Deficiência Visual. Estudo realizado com alunos entre os 12 e os 19 anos. Dissertação apresentada às provas de Mestrado em Ciências do Desporto na Área de Actividade Física Adaptada. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Rodrigues, D., (2003). A Educação Física perante a Educação Inclusiva: reflexões conceituais e metodológicas. *Boletim da Sociedade de Educação Física*, 24/25, pp. 73-81.
- Spencer, N. & Watkinson, E. (2010). Inclusion Understood From the Perspectives of Children With Disability.
- Sherrill, C. (1998). *Adapted Physical Activity, Recreation and Sport* (5ª ed.): Mc Graw-Hill.
- Skaggs, S., & Hopper, C. (1996). Individuals With Visual Impairments: A Review of Psychomotor Behavior. *Adapted Physical Activity Quarterly*(13), 16 26.
- Souza, M. P. d. (2007). Educação Física Adaptada para pessoas portadoras de necessidades visuais especiais [Versão eletrónica]. *Revista Digital efdeportes*. Consult. 6 Junho, disponível em [www.efdeportes.com/efd111/educacao-fisica-adaptada.htm](http://www.efdeportes.com/efd111/educacao-fisica-adaptada.htm).
- Sherrill, C. Collaboration between Brazil and IFAPA. *Revista da Sobama*, Dezembro 2004, Vol. 9, n.1, pp. 1-6.

- Siedentop, D. (1991). *Aprender a enseñar la Educación Física*. Zaragoza: INO Reproducciones.
- UNESCO (1994) *Declaração de Salamanca e enquadramento da acção na área das Necessidades Educativas Especiais*, Lisboa, IIE.

### **Referências Documentais**

- Documentos Normativos do Grupo de Educação Física do Agrupamento de Escolas de Miranda do Corvo. (2012/2013).
- Documentos de apoio à unidade curricular de Didática de Educação Física e Desporto Escolar (2011/2012).
- Guia das Unidades Curriculares Estágio Pedagógico dos 3º e 4º Semestres (2012/2013).

